

DE AMADEU AMARAL, O SABER PLURALIZADO

Maria Emília Barcellos da Silva
UERJ/UFRJ

Um dos atributos de Amadeu Amaral que mais surpreende os que tomam conhecimento da vida e obra desse ilustre brasileiro é, sem dúvida alguma, a pluralidade do seu saber, fruto de um conhecimento autoconstruído a partir de um olhar agudo e observador das múltiplas nuances da aventura humana, revivendo a máxima do poeta latino Terêncio – *homo sum, nihil humano alieno a me puto*. Reconhecidamente um dos melhores escritores do seu tempo, Amadeu Amaral inscreve-se na galeria dos grandes nomes brasileiros como intelectual criativo, profundamente sensível e suave, compreensivo e generoso. A sua obra, composta de livros de edições sempre esgotadas, preenche uma lacuna no interesse cultural dos leitores de comunidades eruditas, independentemente de serem ou não lusófonos.

Infelizmente, hoje é praticamente impossível reunir tudo o que foi produzido pela sua admirável capacidade intelectual, ativa por mais de quarenta anos, no que concerne tanto ao jornalismo, quanto à prosa, à poesia e às suas pesquisas no âmbito do folclore, da cultura popular, da dignidade e dos direitos humanos. Essa obra foi dada à luz praticamente ao arrepio do tempo em foi produzida, porquanto, então, vigorava o ufanismo nacionalista lírico, avesso à pesquisa direta, num País de analfabetos e de subalfabetizados, cuja leitura de textos passava longe do entendimento e da reflexão crítica capazes de transformar uma realidade adversa.

Amadeu Amaral, por sua capacidade criativa e verdadeiro espírito acadêmico, é considerado, sem favor, “o primeiro universitário de São Paulo”, quando sequer havia universidade no Brasil.

Esse homem, verdadeiramente à frente do seu tempo, curtiu fases extremamente difíceis no que se refere a sua manutenção pessoal e familiar, tendo chegado a publicar num semanário o seguinte anúncio: “*Intelectual desempregado. Amadeu Amaral, em estado de desemprego, aceita esmolas, donativos, roupa velha, pão dormido. Também aceita trabalho.*” Como declarou Graciliano Ramos no seu artigo “Um amigo em talas”, o anúncio não produziu resultado, tanto que Amadeu Amaral teria confessado a ele e a outros conhecidos: “*Minha situação continua preta. Reitero o apelo às almas bem forma-*

das: dêem de comer a quem tem fome, uma fome atávica, milenar. Dêem-me trabalho.” Noutra oportunidade, ao catalogar as suas habilidades para estruturar um novo pedido de oportunidade, disse: “*Escrevo poesias, crônicas, contos (policiais, psicológicos, de aventura, de terror, de mistério), novelas, discursos, conferências. Sei inglês, francês, italiano, espanhol e um bocado de alemão. Dêem-me trabalho pelo amor de Deus ou do diabo.*”

Os muitos artigos escritos por Amadeu Amaral nas suas incontáveis noites de insônia muito provavelmente também não deslanchavam no gosto do público-leitor da época, preteridos por novelas de sensação, de qualidade menor. Daí ter ele mencionado também esses préstimos ao montar o seu desesperado *curriculum*. Na condição de jornalista, Amadeu Amaral punha a sua pena a serviço de Deus ou do diabo, revelando, assim, a sua ansiedade em ser incluído – fosse como fosse – no mercado de trabalho e em conquistar o seu espaço como cidadão; o angustiante apelo aqui reproduzido concorre para demonstrar serem as dificuldades de então muito semelhantes às que hoje afligem os profissionais e os trabalhadores em geral que pretendem viver, com dignidade, do seu trabalho e da sua competência.

O seu nome completo era Amadeu Ataliba Amaral Leite Penteado, filho de João Arruda Leite Penteado e D. Carolina de Arruda Leite Penteado – o sobrenome “Amaral” era uma herança materna a que ele preservou ao assinar os seus trabalhos. Nascido no Estado de São Paulo, no Município de Capivari, a 6 de novembro de 1875, faleceu na capital do Estado, a 24 de outubro de 1929, vítima de febre tifóide.

Um retrato falado de Amadeu Amaral teria de contemplar necessariamente os seguintes pontos arrolados pelo seu principal biógrafo, Paulo Duarte, e por Graciliano Ramos, seu camarada e companheiro, que com ele habitara, durante algum tempo, uma “pensão de gente bem comportada”.

Paulo Duarte disse ser ele

alto, magro, espadaúdo, cabelos e pêlos claros, herança da mãe, muito loura, descendente talvez de holandeses, denunciava a sua serenidade até no andar. Olhos azuis, garços, muito grandes, davam a impressão de estar olhando de longe mesmo quando fitava alguém. A sua voz era um pouco rouca, sempre baixa e muito calma.

Graciliano Ramos, por seu turno, descreve-o como

Um homem louro e fornido, de costumes singulares que espantavam os outros hóspedes. (...) vestia-se com sobriedade: usava uma calça preta e calçava medonhos tamancos barulhentos. Tinha uma barba enorme que lhe emprestava o ar de um troglodita. Alimentava-se

mal, espichava-se na cama, roncava o dia inteiro e passava as noites acordado, passeando, agitando o soalho, o que provocava indignação nos outros pensionistas. Quando se cansava, sentava-se numa grande mesa ao fundo da sala e escrevia o resto da noite. Leu um tratado de Psicologia e trocou-o em miúdo, isto é, reduziu-o a artigos, uns quarenta ou cinquenta, que projetou meter nas revistas e nos jornais e, com o produto, vestir-se, habitar uma casa diferente daquela e pagar o barbeiro.

Seus estudos primários foram realizados em sua cidade natal, Capivari. Aos doze anos, transferiu-se para São Paulo, onde frequentou o Curso Anexo da Faculdade de Direito, a qual não concluiu.

Muito cedo dedicou-se ao jornalismo: por volta de 1892, portanto com dezessete anos, ingressou na redação do *Correio Paulistano*, onde permaneceu até 1905. Do *Correio Paulistano*, migrou para *O Estado de São Paulo*, de que foi um dos fundadores juntamente com um entusiasmado grupo de intelectuais.

Em 1901, casou-se com uma prima com quem teve quatro filhos.

Alguns anos mais tarde, demitiu-se do seu emprego e mudou-se para o interior do Estado, especificamente para São Carlos, onde trabalhou como professor primário e participou como redator do *Correio de São Carlos*. Apesar do empenho com que se dedicou ao magistério, foi obrigado a fechar o colégio. Retornou, então, para São Paulo – passou a trabalhar em outro jornal, o *Comércio de São Paulo*, onde chegou a secretário.

Nesse ínterim, foi lançada a idéia da fundação da Academia Paulista de Letras; Amadeu Amaral aderiu ao movimento e, pouco depois, foi eleito para ocupar a cadeira nº 33, cujo patrono era Teófilo Dias.

A convite de Júlio Mesquita, diretor-proprietário d' *O Estado de São Paulo*, Amadeu Amaral passou a integrar essa redação, em 1910. Naquele mesmo ano, publicou o seu segundo livro de versos – *Névoa* –, muito bem recebido pelo seu círculo de amizades, sendo especialmente elogiado pelo poeta Vicente de Carvalho.

A sua capacidade de trabalho fê-lo aderir a vários e concomitantes empreendimentos: participou do corpo redacional da revista humorística *A Farpa*, colaborou no *Estadinho* e, logo após, no *Queixoso*, publicação satírica de grande sucesso na época.

Em 1916, com um grupo de paulistas ilustres – Luís Pereira Barreto, Júlio Mesquita, Alfredo Pujol, Armando de Sales Oliveira –, fundou a *Revista do Brasil*.

Em 1917, Amadeu Amaral tornou-se maçom. Nesse mesmo ano, enveredou pelos caminhos da política, campo em que não logrou êxito, porquanto por duas vezes candidatou-se a deputado (em 1922 e 1928) e, por duas vezes, foi derrotado. Concomitantemente, fundou, com outros correligionários, a *Liga Nacionalista*.

Em agosto de 1919, foi eleito para a cadeira n° 15 da Academia Brasileira de Letras, vaga, no ano anterior, pela morte de seu ocupante, Olavo Bilac. De Bilac, a seu modo, Amadeu Amaral seguiu os passos e as idéias, especialmente no que se referia à formação dos jovens – semelhantemente ao incentivo perpetrado por Bilac no que concernia ao serviço militar, Amaral procurou divulgar o escotismo, movimento que produziu frutos e granjeou adeptos entusiasmados, até arrefecer posteriormente.

Dedicou-se aos estudos folclóricos e, sobretudo, à Dialectologia, caminho pouco trilhado pela intelectualidade da época. No Brasil, foi o primeiro a estudar cientificamente um dialeto regional. Levado por sua perspicácia, curiosidade e entusiasmo pelas coisas da terra e do povo, estudou a fala popular caipira da área do rio Paraíba e produziu, em 1920, *O Dialeto Caipira*, obra escrita à luz da Lingüística, fruto da observação aguda, da análise conseqüente das formas e do esmiuçar sistemático do vocabulário da região em foco.

O percurso intelectual de Amadeu Amaral teve, no ano de 1920 e na publicação d'*O Dialeto Caipira*, o seu divisor de interesses: até então, tinha-se o poeta e o literato, que produzira livros e versos, nomeadamente *Urzes* (1899), *Névoa* (1910), *Espumas* (1917); a partir d'*O Dialeto*, emergiu o estudioso das coisas do povo, o folclorista, o garimpeiro dos feitos dos homens comuns e anônimos.

O espírito irrequeto e eclético de Amadeu Amaral deu provas da sua vitalidade, ao lançar, juntamente com o seu famoso estudo de cunho dialectológico, a coletânea literária a que denominou *Letras Floridas*.

Em 1923, retornou ao Rio de Janeiro, indo trabalhar no jornal *Gazeta de Notícias*, onde chegou a secretário e foi um dos diretores. Na *Gazeta*, escrevia artigos de fundo e de crítica literária. Essa mudança de endereço serviu de cenário para a segunda fase da carreira do escritor.

Em que pesem as múltiplas atividades intelectuais desenvolvidas por Amadeu Amaral, reconhecidamente o elo entre os seus momentos de criação foi estabelecido pela sua vívida contribuição jornalística, que instrumentava e veiculava as suas idéias e ideais. Para comprovar essa assertiva, vale citar que ele publicou, nas páginas da *Revista do Brasil*, seus primeiros estudos de cunho dialectológico, que, mais tarde, vieram a constituir *O Dialeto Caipira* e a

permitir a publicação póstuma de *Tradições Populares* (1948), bem como trabalhos de crítica literária.

A sua estada na *Gazeta*, no entanto, não foi longa. Não tardaram a surgir incompatibilidades políticas entre Amadeu Amaral e a alta direção do jornal, a qual apoiava a situação política na figura do Presidente da República, Dr. Artur Bernardes. Amadeu Amaral opunha-se claramente à política governamental, culminando por não comparecer a uma audiência marcada pelo Presidente Bernardes (diga-se de passagem, agendada sem o seu conhecimento) – essa foi a gota d'água para dar por finda a sua permanência na *Gazeta*. Desempregado mais uma vez, Amadeu Amaral voltou a São Paulo, onde retomou a docência de Língua Portuguesa num ginásio da Capital. Apesar desses desastrosos, continuou a colaborar com a imprensa, pois a vocação jornalística sempre foi o êmulo da sua trajetória vital.

Homem de iniciativa, contribuiu significativamente para reativar a Academia Paulista de Letras, que se encontrava em prolongado recesso.

Ainda no Rio de Janeiro, em 1924, publicou: *O Elogio da Mediocridade*, *Luís de Camões* e *Lâmpada Antiga* (poesias). Especialmente em *Lâmpada Antiga*, Amadeu procurou expressar o seu sentimento de inadequação, de anacronismo mesmo, em relação aos novos rumos e contornos vigentes na vida intelectual brasileira, decorrentes do momentoso impacto ocasionado pelas idéias que resultaram na *Semana de Arte Moderna*: em 1922, São Paulo se transformara no cenário em que vicejou o movimento “modernista” brasileiro, antes do mais transformador do espaço de manifestação artística, no qual Amadeu Amaral passou a se sentir um estranho.

Em 1929, mantendo-se fiel à sua incoercível vocação de jornalista, trabalhava em *O Estado de São Paulo* e no *Diário da Noite*, quando, vítima de tifo, veio a falecer.

Inegavelmente a obra capital de Amadeu Amaral foi *O Dialeto Caipira*, nascida do interesse do autor pela dialetalização do Português americano. Esse livro suscitou a admiração de uns poucos estudiosos brasileiros, dentre eles o Professor Antenor Nascentes, que assim se referiu a esse estudo às páginas 39 do seu livro *Estudos Filológicos*: “Amadeu Amaral, com *O Dialeto Caipira*, imprimiu as verdadeiras diretrizes aos estudos dialetológicos; infelizmente contou com poucos seguidores”. Um dos seguidores dessa vertente de interesse foi o próprio Nascentes, que publicou *O Linguajar Carioca*, em 1922. Renato Mendonça e Gladstone Chaves de Melo juntaram-se ao seletto grupo de pesquisadores sensíveis ao valor da obra dialetológica de Amadeu Amaral, tecendo louvores ao pioneiro dos estudos da linguagem popular, campo de interesse bastante reduzido na intelectualidade brasileira, esta bem mais voltada a assuntos concernentes ao interesse das elites.

A ausência de importância concedida aos trabalhos dialetológicos no Brasil de então, de certo modo, é surpreendente, pois, na Europa – matriz inconteste dos gostos brasileiros –, os estudos das linguagens populares já gozavam de prestígio, desde que, em 1888, Gaston Paris proclamara o grande valor dos estudos de cunho dialetológico, reiterando a urgente necessidade de se estudarem os *patois* franceses, em via de descaracterização pelo processo acelerado de nivelamento cultural. Na oportunidade, Gaston Paris apresentou como argumento para que se fizessem tais estudos o trabalho desenvolvido por Jules Giliéron, hoje considerado o fundador da *Geografia Lingüística*, método empregado na recolha de dados para os estudos dialetais.

O trabalho de Amadeu Amaral na área dialetológica até hoje é mencionado por pesquisadores dedicados a fazeres desse campo do saber. As Professoras Carlota Ferreira e Suzana Alice Marcelino Cardoso, da Universidade Federal da Bahia, no seu livro *A Dialetologia no Brasil* (São Paulo: Contexto, 1994), redistribuem os estudos dialetais brasileiros em três diferentes etapas, tomando por parâmetro a obra de Amaral, como se descreverá a seguir. As docentes baianas reformularam, assim, a proposta de periodização de Nascen-tes (1953), que estabelecia duas fases para a Dialetologia brasileira. A divisão tripartida defendida pelas professoras tem por critério identificar e demarcar as três tendências dominantes em cada uma das épocas consideradas, a saber:

a) a primeira fase recobre um século – de 1826 a 1920 – o limite alto está estabelecido a partir da data da publicação d’*O Dialeto Caipira*. Os trabalhos então produzidos direcionavam-se para o estudo do léxico e as suas especificidades no Português brasileiro;

b) a segunda fase inaugura-se com a publicação d’*O Dialeto Caipira* e prolonga-se até 1952, quando são encaminhados os primeiros passos sistemáticos para a instauração da Lingüística no Brasil. Acrescem-se aos interesses vigentes de natureza eminentemente semântico-lexicais, os fonético-fonológicos e os morfossintáticos. Começa a ser imposta a preocupação metodológica na abordagem dialetal;

c) a terceira fase inaugura-se com o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que determina a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil ao definir as finalidades da Casa de Rui Barbosa, que acabava de ser criada.

A título de atualização informativa, cumpre dizer que, presentemente, está sendo elaborado o Atlas Lingüístico do Brasil (ALIB), sob a coordenação da Professora Doutora Suzana Alice Marcelino Cardoso, da Universidade da Bahia, que busca, além de cumprir a determinação do Decreto supramencionado, atender as sugestões de ilustres pesquisadores, como Serafim da Silva Neto e Celso Ferreira Cunha, entre outros.

Como bem se pode depreender, tanto na opinião de Nascentes como na das professoras baianas, os estudos de Amadeu Amaral estabelecem um ponto de corte nas especulações dialetais brasileiras.

A respeito d'*O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral, foi realizada uma importante análise dessa obra pelo insigne Professor Doutor Sílvio Elia, publicada na Revista *Confluência* (n.7), do Instituto de Língua Portuguesa, da qual se retomam dados a seguir arrolados.

A obra estrutura-se monograficamente, consoante os modelos vigentes à época. O material recolhido distribui-se em cinco capítulos: **I – Fonética; II – Lexicologia; III – Morfologia; IV – Sintaxe; V – Vocabulário**. O capítulo que trata do Vocabulário é, de todos, o mais extenso. Não se pode perder de vista o fato de que, quando Amadeu Amaral escreve esse livro, os estudos propriamente “fonológicos” são ainda incipientes, e a Geografia Lingüística está nos seus primórdios, sem qualquer repercussão no Brasil.

Amadeu Amaral apontou que o *caipira*, como os paulistas em geral (e brasileiros!), pronuncia claramente as vogais átonas. Esse fato também foi levantado pelo Professor Celso Ferreira da Cunha, no livro *Língua portuguesa e realidade brasileira* (3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972):

...as línguas classificam-se em vocálicas ou consonânticas, segundo a tensão que exigem na pronúncia das vogais e das consoantes. Uma língua ou se apóia nas vogais e relaxa as consoantes, ou, pelo contrário, tem o consonantismo forte e o vocalismo débil (p. 82).

E acrescentou: “O português era uma língua de base vocálica, e assim continua na modalidade brasileira”. Tais assertivas confirmam, portanto, Amadeu Amaral.

No transcorrer da obra, Amadeu Amaral aborda o fenômeno decorrente da colocação dos pronomes pessoais átonos no português do Brasil, em frontal discordância com o uso em Portugal: “A diferenciação relativa à colocação dos pronomes oblíquos, no Brasil, deve explicar-se, em parte, pelo ritmo da fala e pelo alongamento das vogais” (p. 19). Em abono a sua constatação, o autor cita, “o notável trabalho do Professor Said Ali”. Essa menção torna-se muito significativa por ter sido produzida por um jornalista autodidata, que só precariamente tratara da língua portuguesa, isso mesmo quando da docência em classes iniciais de estudo. Ademais conhecer a obra de Said Ali também surpreende posto que muitos “especialistas”, à época, nem sabiam da existência desse extraordinário pesquisador.

Amadeu Amaral tratou, a seguir, clara e objetivamente, das alterações fonéticas ocorridas na língua-padrão do Brasil e presentificadas na fala dos caipiras. Tratou especialmente da pronúncia do /l/ nos grupos da oclusiva +l,

nos quais o /l/ passa a /r/: **claro > craro**. O autor apontou esse emprego como “vício” dos mais radicados “frequente entre muitos dos que se acham, por educação ou posição social, mais em contato com o povo rude” – esse uso, ainda hoje, vige nas camadas populares.

Quanto ao léxico, Amadeu Amaral observou que “no fundo, o dialeto representa um estado atrasado [=arcaico] do português” (p. 32). O autor também manifestou-se quanto à influência do tupi no português do Brasil (apenas localizada no vocabulário), dizendo ser esse “um *refugium* de tantos que se cansam a procurar as razões de fatos obscuros e complicados da linguagem nacional” (p. 48). Tal visada deve ser confrontada com a explanação do Professor Révah, apresentada ao III Colóquio Internacional de Estudos Luso-brasileiros (Lisboa, 1957): “Para todos os fatos que estudamos, é absolutamente impossível ou inútil invocar a influência do tupi ou das línguas africanas: trata-se de arcaísmos perfeitamente caracterizados”. O mesmo já fora asseverado, peremptória e radicalmente, pelo Professor Serafim da Silva Neto: “No português brasileiro não há, positivamente, influência de línguas africanas ou ameríndias” (*Introdução*, p. 107).

Amadeu Amaral manifestou-se também a respeito da “lei” da queda do –s final na pronúncia popular brasileira, dizendo, ao tratar da flexão de número, que

Se bem que se trate aqui das flexões, é impossível separar o que se passa com o s final, tomado como sinal de pluralidade, do que se sucede com ele em outras circunstâncias; e difícilimo se torna reconhecer, em tais fatos, até onde vai e onde cessam a ação puramente fisiológica, do domínio da fonética, e a ação analógica, do domínio das formas gramaticais. (p. 51).

Sobre esse assunto, na citada comunicação ao já mencionado Congresso, o Professor Révah atribui à *lei fonética*, “a queda de –s no fim das palavras paroxítonas e proparoxítonas”, exemplificando com a expressão **duas casa**, em que ocorre uma palavra paroxítona com –s final conservado.

No âmbito da Sintaxe, foi tratado o emprego de **ele**, **ela** como objetos diretos. Sobre esse assunto, Amadeu Amaral mencionou que

dele se encontram alguns exemplos em antigos documentos da língua; mas é claro que o brasileiro se produziu independentemente de qualquer relação histórica com o fenômeno que se verificou, sem continuidade, no período anteclassico do português. (p. 59)

Sobre o assunto, o Professor Silvio Elia afirmou merecer esse conhecido fenômeno uma explicação estrutural e não histórica. Teria sido, possivelmente, a variedade das formas enclíticas **o**, **lo**, **no** (acrescida da dificuldade da produção de mesóclise nos futuros) que levou o Português brasileiro a uma simplifi-

cação morfológica, com a implantação da forma universal **ele**. Tal emprego repercutiu em todo o sistema pronominal, envolvendo especialmente o emprego de **ele** e de **lhe** em diferentes funções sintáticas.

A parte referente ao vocabulário, pela sua riqueza e amplitude, tornou-se leitura e estudo obrigatórios para quem se proponha a conhecer, pesquisar ou analisar o léxico popular da língua portuguesa no Brasil.

Por todos os pontos que se examine, *O Dialeto Caipira* reveste-se de importância capital para os estudos dialetais brasileiros; tal opinião é partilhada pelo Professor Révah, que a ele assim se referiu: “O ponto de partida (da Dialectologia brasileira) foi assinalado pelo belo livro, aparecido em 1920, de Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira*: livro tanto mais notável quanto tem por autor um poeta e um folclorista, e não um dialectólogo profissional” (p. 276, da comunicação já citada).

A obra de Amadeu Amaral concernente ao folclore deu corpo as suas cogitações lingüísticas no livro denominado *Tradições Populares*, postumamente trazido a público. Constitui ele o primeiro volume de uma série de “obras completas” programada para dez volumes pelo Instituto Progresso Editorial S.A. (IPE), de São Paulo. Lamentavelmente, nem a série, nem a Editora persistiram; desse projeto editorial, só *O Dialeto Caipira* vingou, tendo logrado duas edições.

O material que comporia *Tradições Populares*, em aproximadamente seus dois terços, foi coligido de artigos publicados na imprensa paulista, particularmente n’*O Estado de São Paulo*. O restante constituiu-se de originais que estavam em poder da família, ou então de folhas datilografadas que o autor confiara a seu amigo Paulo Duarte. O nome “*Tradições Populares*” decorreu do título geral que ele atribuíra aos seus artigos em *O Estado de São Paulo*. Apesar do esforço dos que tiveram a idéia de publicar a coletânea, considerável parte da obra inédita de Amadeu Amaral se perdeu. A recolha que haveria de se converter na coletânea intitulada *Tradições Populares* revelou um variado elenco de múltiplos assuntos: cantos e contos populares, paremiologia, adivinhas, superstições, romanceiro. Era mesmo intenção do autor vir a editar um “cancioneiro caipira”, no qual as manifestações do homem comum seriam reunidas para facilitar a consulta dos aficionados.

A preocupação de Amadeu Amaral pelos estudos folclóricos manifestava-se em todas as oportunidades em que fosse possível recolher informações: quando viajava, não deixava de levar um caderninho para as anotações da fala e dos costumes populares, estruturando, dessa forma, a seu modo, um rico banco de dados a ser acionado quando fosse oportuno. Em São Paulo, foi pública e renhida a sua luta pela fundação de uma “Sociedade Demológica”. No Rio de Janeiro, a única proposta que apresentou à Academia Brasileira de

Letras visava à constituição de um órgão destinado à supervisão dos estudos folclóricos brasileiros. O discurso por ele então pronunciado foi intitulado “Folklore e Dialectologia”. Ainda que tivesse contado com os pareceres favoráveis de João Ribeiro e de Gustavo Barroso, o projeto não atingiu efeitos práticos. A importância concedida à cultura popular e a dedicação às vertentes desse campo de interesse postaram Amadeu Amaral entre os primeiros grandes folcloristas brasileiros, ao lado de João Ribeiro, Sílvio Romero, Lindolfo Gomes, Melo Moraes Filho e outros poucos mais.

Vale observar que Amadeu Amaral não nutria pelo folclore uma concepção romântica e até a ela se opunha. Não proclamava, como Sílvio Romero, que “poesia é no povo”, nem exclamava como Jaime Cortesão: “Que grande poeta é o povo!”. Amadeu Amaral era mais comedido:

Nada tão freqüente como se verem comovidos, ardentes elogios à musa popular, à sua simplicidade graciosa de flor do campo, ao seu lirismo sincero e forte, aos pensamentos profundos que ela encerra e até à filosofia a que ela chega a alçar-se com asas geniais... (*Tradições*, p. 99 das).

Amadeu Amaral via exagero nessas manifestações, alegando que nem as mencionadas cantigas eram tão belas e, quando o eram, talvez não fossem verdadeiramente “populares”. Justificava a sua opinião alegando que

(...) há muito verso que se dá como popular, por o terem ouvido a um ou dois indivíduos mais inteligentes, mais espertos, ou mais em contato com as camadas cultas e com a literatura, mas que, de fato, não tem maior popularidade do que aquela que se lhe proporcionou a imprensa, entre a gente que lê (p. 102).

Amadeu Amaral também ocupou-se da crítica literária. Os seus estudos (artigos e conferências) sobre vultos importantes das letras brasileiras de diferentes épocas foram reunidos em dois livros muito pouco conhecidos – *Letras Floridas* (1920) e *O Elogio da Mediocridade* (1924). O primeiro reuniu os seguintes capítulos: *Raimundo Correia* (havido como o artigo mais importante da coletânea, em que foi elaborado um grande elogio ao autor-título); *Árvores e Poetas*; *Epigramas e Madrigais*; *A Cigarra e a Formiga*; *Espinhas e Flores da Arte*, *A Literatura da Escravidão e As Promessas do Escotismo*. Como se pôde perceber, o livro foi escrito com a intenção predominante de tratar de temas literários, exceção feita ao último, que trata do escotismo. Caberia ressaltar, nesse conjunto, a importante pesquisa referente à literatura da escravidão, instituição que tanto maculou a realidade social brasileira e, por muito tempo, foi relegada ao silêncio dos especialistas – ademais, esse tema era um verdadeiro tabu, só tocado por pouquíssimos intelectuais, dentre os quais se destacou o magistral Castro Alves.

Amadeu Amaral justificou o título do seu livro *Letras Floridas*, dizendo: “(...) isto é, letras jocundas e leves, de ócio e divertimento, sem espinhos e sem fruto – eis o que se encontrará neste volume”. Também a obra *O Elogio da Mediocridade* mereceu ter seu nome esclarecido: assim se intitulava o primeiro dos artigos desse conjunto de textos, que portava o subtítulo “Carta a um crítico”. Nele, encontrou-se definida a posição do autor: “A mediocridade é necessária, absolutamente necessária – quer no sentido de coisa inevitável, quer no sentido de coisa útil. É, porque tem de ser; além disso é benéfica.” Parte, logo após, para a exemplificação, dizendo

Dante não teria feito a *Comédia*, nem Camões os *Lusíadas* (...) se não fosse a enorme legião dos pigmeus sem nome nem lustre. Os médiocres, por assim dizer, são aqueles que adubam o terreno onde florescerão os gênios. Ademais, os gênios são em muito menor número do que certos críticos têm feito crer. E não são gênios continuamente, pois apresentam também muito bagaço em sua obra literária, sem esquecer que é por contraste com os médiocres que os gênios se definem.

Amadeu Amaral, pela crítica citada, declarou o seu anti-romantismo. Sobre esse assunto, manifestou-se o Professor Sílvio Elia,

Não pactuava ele com a concepção do gênio-milagre-da-Natureza. Embora acreditasse no talento, Amaral não reconhecia o talento inculto, nativo, força telúrica que se impõe pelo poder irresistível das suas virtualidades. Os dons da Natureza teriam de ser apurados, aperfeiçoados, polidos e repolidos pelo esforço constante e metódico do estudo. O esforço dos médiocres, por exemplo, exige um esforço maior e mais profundo do que o daqueles que pretendem superá-los.

O volume em causa ainda contém outros estudos, quais sejam: *Brasil, Terra de Poetas...*, *Linguagem e Caráter*, *A Comédia Ortográfica*, *Olavo Bilac*, *Machado de Assis e Joaquim Nabuco*, *Pe. Antônio Vieira*, *Gonçalves Dias*, *Martins Fontes*, *Cecília Meireles*, *Academia Brasileira*. Em *Brasil, Terra de Poetas*, Amadeu Amaral recusa o pensamento que defende a espontaneidade com que surgem os poetas brasileiros. O seu espírito científico rejeita não só os lugares-comuns com também as meias e pseudo-verdades que, sem se basearem em fatos, mascaram as verdadeiras ocorrências da vida comunitária.

Fiel ao seu gosto pelas produções de cunho eminentemente popular, transcendendo o mero capricho amadorista de um aficionado em curiosidades, Amadeu Amaral coletou provérbios, comparou-os com os de outras línguas e interpretou-os no tanto em que eles representa(va)m a construção do ideário das gentes. O aparato teórico que afastou os trabalhos do autor das criações

ingênuas e despidas de valor científico foi estruturado a partir de uma leitura constante e incansável de Pidal, Pedro Salinas, van Gennep, Sébillot, Teófilo Braga, Jaime Cortesão, Pitré, Milá y Fontanals.

Apoiado em nomes representativos do conhecimento da sua época, Amadeu Amaral amealhou uma admirável fortuna crítica com a qual produziu uma obra respeitável, concretização da indiscutível vocação para pesquisa de um homem que sempre foi sensível às vozes de um saber plural, multiplicado pela sua inexcédível capacidade de criação.

BIBLIOGRAFIA

a) Trabalhos de Amadeu Amaral:

1. *Urzes* (versos). São Paulo: 1899.
2. *Névoa* (versos). São Paulo: Livraria Magalhães Editora, 1910.
3. *Espumas* (versos). São Paulo: Edição de “A Cigarra”, 1917.
4. *A pulseira de ferro* (novela). São Paulo: Sociedade Editora Olegário Ribeiro, 1920.
5. *Letras floridas* (conferências literárias). Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurílio, 1920.
6. *O dialeto caipira* (estudo dialectológico). São Paulo: Casa Editora “O Livro”, 1920.
7. *Lâmpada antiga* (versos). São Paulo: Imprensa Metodista, 1924.
8. *Luís de Camões* (estudo biográfico e crítico). Rio de Janeiro: Edição da Revista de Língua Portuguesa, 1924.
9. *O elogio da mediocridade* (estudos literários). São Paulo: Nova Era, 1924.
10. *Memorial de um passageiro de bonde* (obra póstuma). São Paulo: Edições Cultura Brasileira, 1938.
11. *Tradições Populares* (coletânea de artigos folk-lóricos). São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.
12. *O dialeto caipira*, 2. ed. São Paulo: Anhembi, 1955.

Nota: As duas últimas obras deveriam compor uma coletânea de dez volumes, idealizada pelo editor Paulo Duarte, da qual somente elas foram publicadas. Os oito volumes restantes, até hoje não publicados, intitulavam-se: *Poesias Completas, Política Humana, Letras Floridas, Bilac, Arredores da*

Crítica, Memorial de um Passageiro de Bonde, Elogio da Mediocridade e correspondência.

b) Trabalhos sobre Amadeu Amaral:

1. ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Páginas de críticas*, Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurílio, 1920. (pp. 421-429).
2. ALMEIDA, Guilherme de. “Elogio de Amadeu Amaral”. In: *Discursos acadêmicos*, vol. II, Rio de Janeiro: ABC, 1937 (pp. 239-257).
3. ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Martins, 1946. (pp. 155-158).
4. BARRETO, Plínio. *Páginas avulsas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958. (pp. 107-116).
5. DUARTE, Paulo. Estudo. In: MARAL, AMDEU. *Tradições populares*, São Paulo: 1948. (pp. IX-XLVI).
6. ELIA, Silvio. Amadeu Amaral. *Confluência*; Revista do Instituto de Língua Portuguesa, n.7. Rio de Janeiro, 1993. p. 9-17.
7. FERRAZ, Bento Prado de Almeida. *A poesia de Amadeu Amaral*. *Revista da Academia Paulista de Letras*, nº IX/34, junho de 1946 (pp. 156-166).
8. LEITE, Manuel Cerqueira, *Amadeu Amaral* (poesias); introdução, seleção e notas. São Paulo: Assunção, 1945.
9. MENUCCI, Sud. Amadeu Amaral. *Cadernos da hora presente*, série I, nº 6, Rio de Janeiro, 1940. (pp. 58-94).
10. SILVA, João Pinto da. *Vultos do meu caminho*. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1926 (pp. 94-103). 2ª série
11. SOUSA, Alberto. *Amadeu Amaral*. São Paulo: Imparcial, 1918. 45 pp.